



EVENTO: CENTRO CULTURAL VICTÓRIA DESPEJADO
VEÍCULO: DIÁRIO DO POVO
DATA: 06/12/95
PÁGINA: 1
SEÇÃO: ARTE/LAZER - PLUS



Patrimônio do Victoria vai para depósito

Fotos: Dominique Torquato



Parte da mudança já foi levada ontem para um depósito pela empresa de transportes Granero

O Centro Cultural Victoria, que está sendo despejado, tem dívida decorrente de atrasos no aluguel e no IPTU estimada em R\$ 25 mil

O despejo do Centro Cultural Victoria começou ontem às 8h e deve durar pelo menos mais quatro dias. A Granero Transportes levou primeiro as mesas, cadeiras, material de escritório e outros móveis para a casa da diretora e inquilina do Victoria, Neusa Alves da Silva. As poltronas de cinema, bem como os projetores, ainda precisam ser desmontados. Segundo o promotor de vendas da Granero, Rubens Gonçalves, responsável pelo transporte, o material será levado para um depósito da empresa, onde ficará durante 30 dias. Após este prazo, Neusa terá de pagar uma sobretaxa.

Atrasos no pagamento de aluguel desde agosto de 1994 provocaram o processo de despejo contra o Victoria, movido pela empresa proprietária do antigo Hotel Victoria, Borghi Agrícola e Comércio S/A. O Victoria deixou de pagar aluguel, no valor de R\$

1 mil, e IPTU, no valor de R\$ 179,00, sendo a dívida total estimada em torno de R\$ 25 mil. O prédio onde estava localizado o Victoria apresentava problemas de segurança e a Defesa Civil solicitou a construção de saídas de emergência e reformas na parte elétrica. O prédio permanecerá fechado pelo menos durante dois meses para a realização destas reformas.

O Victoria tinha oito funcionários contratados e quatro prestadores de serviço. Segundo Neusa Alves da Silva, os funcionários não serão dispensados. "Vamos pagar todos os direitos que eles têm, o salário que sai até sexta-feira e o 13º", disse Neusa. Além de duas salas de cinema, o Victoria abrigava o Bar Esperança, livraria, videoteca e bomboniere. Cada um deles dividia o aluguel com Neusa.

Rosângela de Cássia Kruger, secretária do Centro Cultural Victoria há cinco meses, ficou sabendo da crise há dois meses. Ela

acompanhou o despejo logo pela manhã, junto com Edelson Soler, coordenador de projetos do Victoria. "Nós sabíamos que havíamos negociações para que tudo voltasse ao normal. Tenho esperança de que tudo vai dar certo dentro de dois meses", disse Rosângela.

Neusa evitou falar ontem com a imprensa. Perguntada se a situação poderia ter sido revertida antes ela respondeu: "As coisas demoraram para ter uma decisão final. Nós não sabíamos o valor da dívida. Nosso advogado disse que deveria ser em torno de R\$ 12 mil (ela desconhece o valor de R\$ 25 mil). Perguntamos várias vezes para o advogado da proprietária mas ele não dava resposta".

O material do Bar Esperança pertencia a João Bacelar e foi retirado por ele mesmo na segunda-feira. De acordo com Bacelar, o material vai ficar espalhado em casas de amigos até encontrar um outro local. Bacelar havia se desligado da direção administrativa do Centro Cultural em junho.



No Victoria funcionavam uma livraria, um bar, duas salas de cinema e uma videoteca

Comunidade lamenta despejo

A notícia do despejo do Centro Cultural Victoria surpreendeu pessoas ligadas ao meio cultural de Campinas. Adilson Ruiz, cineasta e chefe do Departamento de Múltiplos da Unicamp, foi uma delas. "Eu nem sabia que havia um processo de despejo e nem sei os detalhes da história. Acho que o Victoria é um patrimônio da cidade e um espaço importante que deixou de ser preservado".

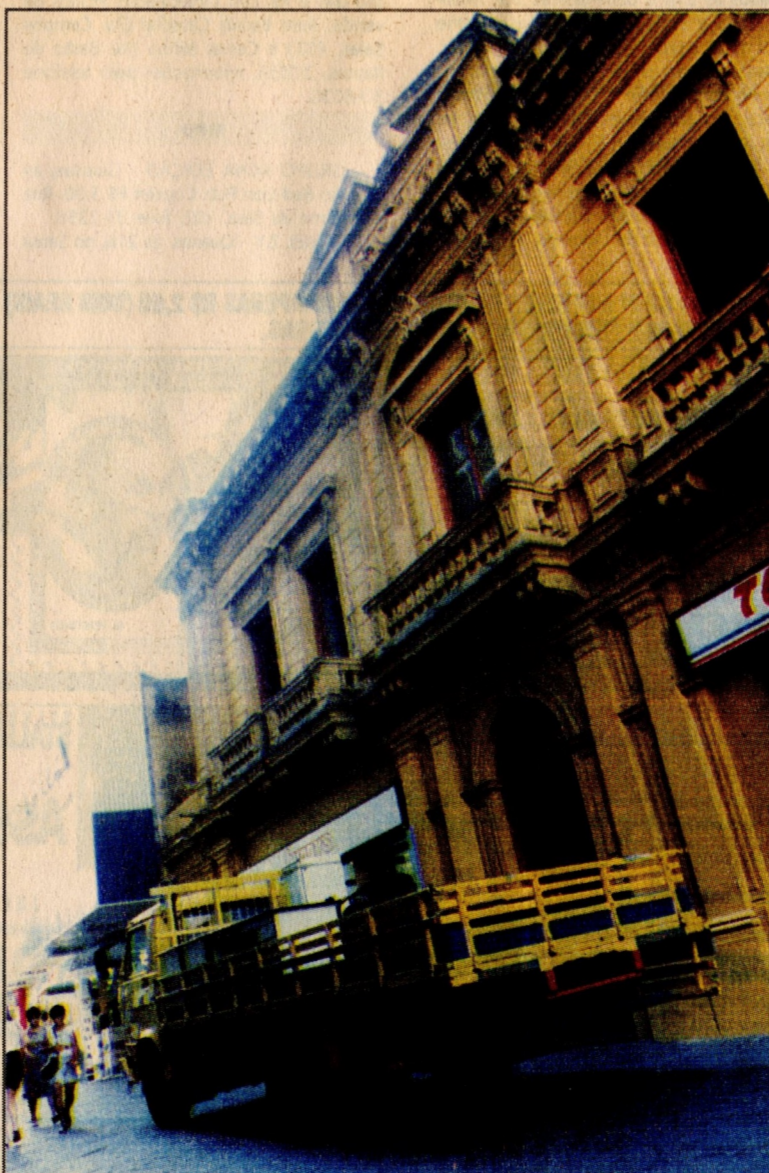
O fechamento do Victoria é um dado da deterioração do centro urbano de Campinas na opinião de Hécio Henrique, ator e proprietário do Cine Paradiso. "O Centro está se transformando num local de negócios durante o dia e ponto de prostitutas e marginais à noite. Tanto a Neusa como eu temos trazido para Campinas filmes que não passariam na rede comercial. O problema maior do Victoria foi a má administração, mas pior do que isso é o que o fato causou: duas salas de cinema foram embora".

Neusa chegou a procurar o secretário de Cultura, Sérgio Coutinho Nogueira, para tentar reverter a situação

nos últimos momentos. "Nós não podemos nos envolver na relação proprietária x inquilina enquanto Secretária. Lamentamos a saída do Victoria daquele espaço porque fomos parceiros em alguns eventos. Mas acho que o Victoria não terá fim. Dentro de nossas limitações orçamentárias vamos tentar achar outro caminho para ajudar", disse Coutinho.

O Núcleo de Cinema de Animação de Campinas funcionava dentro do Centro Cultural Victoria, dividindo o aluguel. O Núcleo deixou o local no primeiro semestre. Maurício Squarisi, cineasta e um dos diretores, acha difícil que um centro cultural do porte do Victoria sobreviva sem patrocínio. "Não dá para se manter só com bilheteria sem uma grande estrutura". Segundo ele, sua parte no aluguel era paga em dia. "Nós pagávamos nossa parte do aluguel e saímos de lá porque o Banco Nacional ia bancar uma reforma que acabou não acontecendo."

reportagem e texto: Alessandro Soares



O despejo do Victoria deve durar pelo menos mais quatro dias

Elétrico inspirou criação

O Centro Cultural Victoria foi inaugurado no dia 9 de novembro de 1991, concebido no modelo do Cineclubes Elétrico de São Paulo. Os filmes *Asas do Desejo*, de Wim Wenders, e *Noites Com Sol*, dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani iniciaram a programação de cinema nas duas salas do Victoria. O segundo também abria uma programação de oito filmes da 3ª Mostra Banco Nacional de Cinema.

O antigo Hotel Victoria foi reformado pelo Banco Nacional para abrigar duas salas de cinema, bar, livraria, videoteca e uma área ao ar livre. A idéia principal era agrupar várias atividades culturais num mesmo local, tendo o cinema como o carro-chefe. Neusa Alves da Silva e João Bacelar eram os sócios-fundadores.

Os dois eram proprietários do Cineclubes Barão, razão social da empresa, fundada em 1984. Em 1985, montaram a Sala Ponto de Cinema que deu origem ao Centro Cultural Victoria. O modelo utilizado vinha dos centros culturais formados pelos núcleos de juventude dos partidos de esquerda da França e da Itália. A idéia chegou ao Brasil através de associações de cineclubes de São Paulo. Na Europa, o local das reuniões dos jovens dos partidos de esquerda eram transformados em

espaços para exposições, palestras, bares, discussões, trocas de livros, exibição de filmes etc.

O primeiro a adotar este sistema foi o Estação Botafogo, no Rio de Janeiro. Mas este cineclubes estava mais para galeria: cinema no fundo e lojas independentes umas das outras. O Cine Elétrico em São Paulo, fechado em 1992, foi o modelo que mais se aproximou do europeu, integrando atividades culturais além do cinema num único espaço. O Victoria veio a seguir, com um conceito de shopping cultural.

Espaço múltiplo

"O Victoria cumpriu o papel de preencher uma lacuna de cultura na cidade", disse João Bacelar. "Mantivemos uma programação de nível, fazíamos semanas culturais e internacionais, sempre com o desenvolvimento de atividades culturais (cinema, dança, performances, exposições etc) em torno de um tema. Nosso espaço era múltiplo", disse.

João Bacelar se desligou da administração do Centro Cultural Victoria em junho. "Achei que seria ético de minha parte me afastar porque eu pretendia criar um outro espaço cultural, com um conceito diferente do Victoria", disse.

reportagem e texto: Alessandro Soares